

XII

SOCIALIZAÇÃO, CONJUGALIDADE E RELIGIÃO: UM ESTUDO SOBRE FAMÍLIAS NOS TEMPOS DE PANDEMIA DA COVID19

Jeovania Silva do Carmo
Livia Alessandra Fialho da Costa

Introdução: questões de método

Este artigo, especificamente, tem por objetivo compreender as vivências conjugais de casais evangélicos num contexto singular e específico de suas dinâmicas relacionais: o isolamento social imposto pela pandemia da COVID 19. Os achados aqui analisados são resultantes de um estudo mais amplo sobre a relação entre conjugalidade e religiosidade na sociedade contemporânea. Assim, analisamos, neste texto, as narrativas produzidas por casais evangélicos atentando para o percurso e as dinâmicas relacionais da conjugalidade de casais em contexto evangélico frente às transformações da sociedade contemporânea. Está amparado, em linhas gerais, em estudos interdisciplinares que se dedicam à compreensão da complexa relação entre a família, casamento, religiosidade e sua influência na vida familiar, dinâmica relacional da vida a dois frente aos conflitos familiares e a conjugalidade em tempos de pandemia.

Apoiamo-nos nos fundamentos da Análise do Conteúdo, seguindo o modelo preconizado por Bardin (1977, 2016) e Franco (2018) e considerando uma abordagem qualitativa, fundamentada em vários autores que defendem a referida abordagem nas áreas, educacional, psicológica e sociológica, como Minayo (2008), Flick (2009) e Franco (2018), que deram suporte teórico-metodológico para o desenvolvimento da pesquisa. Seguiu-se o modelo do estudo de caso, que, segundo Yin (2001, p. 32), é “... uma estratégia de pesquisa, é uma investigação empírica que investiga um fenômeno contemporâneo dentro do contexto de vida real.” Para Minayo (2008, p. 164), o estudo de caso “utiliza estratégias de investigação qualitativa para mapear, descrever e analisar o contexto, as relações e as percepções a respeito da situação, fenômeno ou episódio em questão”. É uma forma de sistematizar dados e informações sociais na busca de preservar o caráter unitário do fenômeno em estudo. Para Bardin (2016, p. 37), “análise de conteúdo é um conjunto de técnicas de análise das comunicações”. A autora (Bardin, 2016) entende que tais técnicas visam conseguir, por procedimentos sistematizados e de forma objetiva, a descrição dos conteúdos das mensagens, dos seus indicadores, dos conhecimentos concernentes às condições de produção das mensagens, bem como da recepção destas, e visa também as inferências (deduções) dos conhecimentos e interpretações das mensagens obtidas nas comunicações, quer sejam orais ou escritas. A pesquisa seguiu algumas etapas na caminhada que são imprescindíveis a um estudo de caso qualitativo. Foram passos muitas vezes oscilantes, outras vezes firmes, por caminhos diversos, que foram sempre pautados em bases teóricas acerca da investigação científica em ciências sociais. Os indivíduos foram observados *in loco*,

entrevistados não como seres passivos, mas como aqueles que interpretam e (re)inventam o mundo continuamente na interação com o outro.

A fase exploratória foi realizada inicialmente em base de dados, à procura de uma literatura científica específica do tema a ser investigado que desse conta de sustentar a investigação com análise, seguida da exploração do material que foi coletado em dois contextos específicos, que foram as entrevistas semiestruturadas, as observações e alguns documentos da instituição que ajudaram no entendimento do objeto, sendo que o *corpus* específico foi a entrevista semiestruturada com os participantes. Nesta fase exploratória coube a escolha do espaço da pesquisa, estabelecimento dos critérios de amostragem, estabelecimento das estratégias de entrada em campo, buscando aprofundamento na investigação do caso. Segundo Minayo (2008, p. 171), a fase exploratória “compreende desde a etapa de construção do projeto até os procedimentos e testes para entrada em campo”. Assim procedeu-se a pesquisa com trabalho de campo para coleta dos dados, com entrevistas gravadas, entre 2020 e 2021, transcrição das entrevistas, a leitura flutuante, as análises das informações, inferências, interpretação, discussão e resultados finais da pesquisa.

Para cumprir o objetivo geral proposto para este estudo foram pré-definidos critérios com vistas a homogeneizar as características dos participantes da presente pesquisa. Entrevistamos 10 pessoas (cinco casais evangélicos), dentre as quais havia um pastor e sua esposa. Todos os participantes eram residentes na cidade de Feira de Santana. Os casais responderam às perguntas da entrevista individualmente, para evitar interferências e comentários sobre as questões abordadas na fala do outro, sendo, porém, na mesma data. Os critérios pré-estabelecidos para inclusão dos participantes serviram para correlação das peculiaridades dos participantes da pesquisa: tempo de membresia na igreja de no mínimo três anos; heterossexuais, na faixa etária entre 40 e 65 anos de idade; entre 10 e 40 anos de casados; com filhos jovens, entre 17 e 30 anos de idade. Apenas um casal possuía filhos casados no período das entrevistas, e possuíam dois netos. Todos os casais participantes residiam juntos, na mesma casa com os filhos. A exclusão de participação foi de indivíduos de menos de quarenta anos e mais de sessenta e cinco anos, que tivessem filhos na primeira infância, que fossem de outra religião que não a evangélica, que tivessem menos de dez anos de casados e mais de quarenta anos de casamento; e que tivessem menos de três anos congregando na mesma denominação religiosa. Os casais participantes foram selecionados previamente por meio de contatos pessoais. Foi garantido o anonimato aos participantes da pesquisa, sendo todos identificados através de códigos definidos pela pesquisadora responsável pelo projeto, após autorização dos participantes, para utilização dos dados. Foi também garantido o respeito à autonomia, a benefícios, e não malefícios, à justiça e à equidade. O primeiro contato foi realizado por telefone/celular e, na oportunidade, cada participante foi informado sobre o motivo do contato e sobre a realização da entrevista. Após o primeiro contato telefônico foram agendadas as datas dos encontros com cada pessoa para a realização das entrevistas de acordo com a disponibilidade de cada um. A pesquisadora encontrou algumas dificuldades nessa etapa da pesquisa, por conta das medidas para contenção da pandemia no país, quando ocorreram medidas de distanciamento social. Alguns encontros foram marcados e depois desmarcados pelos casais convidados. Um participante, já confirmado para participar, faleceu, trazendo desconforto e tristeza no processo. Alguns casais que confirmaram no primeiro contato telefônico, desistiram alegando motivos diversos, sendo necessário fazer novos contatos na rede de conhecidos até

que se conseguiu o número de pessoas que atendia ao projeto inicial da tese, conforme os critérios de inclusão e exclusão.

Conjugalidade, vida a dois, *estar junto*: desafios para a contemporaneidade

Estudar sobre a conjugalidade e a possível interferência da religião na dinâmica familiar significa atentar também para histórias conjugais tão distintas, mas que convergem sempre para um mesmo ponto: cada história conjugal parece, assim, mobilizar uma série de alegrias e tensões que podem estar relacionadas aos aspectos da biografia de cada um dos membros do casal. Casais “nascidos” na fé e casais convertidos têm, por exemplo, histórias diferentes, valores diferentes e desafios igualmente diferentes, face ao desejo de manter o pacto conjugal.

Os estudos e pesquisas sobre a conjugalidade contemplam uma diversidade de assuntos como o amor, a individualidade, o casamento, as relações e os conflitos conjugais, desafios, a influência da relação conjugal na criação dos filhos, satisfação conjugal, satisfação sexual, o processo de separação e rompimento conjugal, dentre outros, como discorrem sobre o assunto Braz, Dessen e Silva (2005) e Féres-Carneiro e Diniz Neto (2010). Uma vasta literatura se dedica largamente ao aprofundamento destas temáticas (Fornasier; Féres-Carneiro; Costa). Focou-se, neste estudo, na conjugalidade em contexto evangélico e as dinâmicas relacionais dos casais participantes, concebendo ainda como uma lacuna a ser preenchida com investigações que contemplem essa parcela da população que tem crescido de forma visível. Vale aqui considerar que o Brasil é um país de grande diversidade religiosa, destarte entre os muitos segmentos, os evangélicos vêm apresentando uma ascensão no seu crescimento, que pode promover “consequência para a demografia religiosa do País, mas também para a vida social” (Garcia; Maciel, 2008, p. 96).

É fato que o crescimento atual dos evangélicos, no Brasil, se constitui como um fato relevante no campo religioso brasileiro, no qual sempre predominou o catolicismo. A cidade de Feira de Santana segue o mesmo ritmo do crescimento religioso no âmbito nacional. Observa-se que em todos os bairros da cidade são implantados templos evangélicos das mais diferentes denominações, com seus ritos e doutrinas diferenciadas, mas convergindo sempre para a pregação do evangelho e sua expansão, bem como para a orientação das famílias em suas dificuldades e particularidades. Tomando por base dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 1991, os evangélicos em Feira de Santana eram um total de vinte e sete mil; no Censo seguinte, passou para oitenta mil, logrando, finalmente, cento e oitenta mil fiéis na última pesquisa, realizada em 2010 (IBGE, 2010a, 2010b).

Para atingir os objetivos propostos, a ancoragem teórica deste trabalho foi pautada por linhas distintas, interdisciplinares, buscando integrar conhecimentos de vários campos científicos que pudessem dar suporte para o estudo da conjugalidade de casais em contexto evangélico, a saber: Sociologia, Teologia, Antropologia, Psicologia e outras, que ajudaram a dar sustentação teórica ao estudo. Desenvolveu-se uma pesquisa de abordagem qualitativa, interpretativa, a fim de encontrar respostas para as questões postas a partir desse olhar interdisciplinar, articulando saberes de diferentes campos, que foram importantes no discorrer das discussões para entendimento e interpretação dos dados que emergiram nos depoimentos. Esta pesquisa ampara-se na perspectiva de Jacquet e Costa (2004, p. 115),

quando pontuam que nenhum saber individualizado seria “suficiente para apreender a diversidade de tipos de famílias”; suas realizações culturais, históricas, religiosas, são sempre muito particulares para cada uma delas. Nenhum conhecimento isolado seria cabal para responder a questionamentos de qualquer investigação, por isso a necessidade do movimento dialógico e interdisciplinar para a compreensão da conjugalidade de casais em contexto evangélico.

No mesmo sentido, Castro (2012, p. 190) reforça que “A interdisciplinaridade seria acionada para melhor compreender como a família é, há um tempo, uma relação social singular e está inserida e modelada por várias relações sociais que compõem sistemas como os de gênero, raça/etnicidade e classe social.”

Conjugalidade é o termo utilizado para definir a identidade conjugal, assevera Féres-Carneiro (1998). Cada casal constrói ao longo de sua trajetória a partir do casamento, uma história na vida a dois, formada quase sempre por um vínculo afetivo que vai sendo moldado por combinados singulares e íntimos entre o casal. É um fenômeno que ocorre estreado na vida a dois dos cônjuges. Como afirma Almeida e Romagnoli (2019, p. 10), “a conjugalidade tem se mostrado um fenômeno complexo e multifacetado”, possuindo aspectos peculiares para cada indivíduo, na sua vida a dois. A conjugalidade, além de ser o termo utilizado na pesquisa científica, é um fenômeno formado por um vínculo entre dois indivíduos, constituído ao longo de um tempo, regulado por dinâmicas exclusivas e particulares, que pode proporcionar crescimento mútuo entre os pares.

É um tema que tem despertado o interesse de muitos pesquisadores das mais diversas áreas do saber, produzindo uma literatura significativa para o entendimento da dinâmica e vivência conjugal. Em pesquisas realizadas sobre o tema, observou-se que os conteúdos concernentes ao casamento sobressaem sobre os estudos da conjugalidade. Isto reforça a importância e relevância de novas investigações e estudos que contemplem algumas lacunas específicas dessa tão importante temática.

A conjugalidade para Féres-Carneiro e Diniz Neto (2010) é um entrelaçamento de individualidade que converge para a conjugalidade. Dá-se num contexto sociocultural, histórico e familiar no qual a pessoa é inserida “e se inscreve em meio as relações psicossociais complexas que ele internaliza ao longo do processo de socialização” (Campos; Scorsolini-Comin; Santos, 2017, p. 71). São, na realidade, duas individualidades que se unem para a construção de uma conjugalidade, de uma relação com novos projetos, não pensando apenas em desejos pessoais, mas de construir uma vida a dois.

Pires (2008) aponta que conjugalidade refere-se à díade conjugal e constitui um espaço de apoio ao desenvolvimento familiar. Afirma que é com a formação do casal que tudo começa. Assim, quando dois indivíduos assumem o compromisso com uma relação estável, complementam-se e adaptam-se reciprocamente de modo a formar um padrão de atividade da vida conjugal. Este modelo resulta inicialmente da integração do modelo de conjugalidade construído nas famílias de origem. Esta conceituação permite, segundo essa autora, entender a “conjugalidade como dinâmica ao longo da relação, contribuindo para a compressão dos fenômenos subjacentes a essa” (Pires, 2008, p. 11).

Outro conceito que permeia os estudos da conjugalidade em tempos contemporâneos é o da afetividade líquida, amor líquido e fragilidade dos laços humanos, tempos nos quais os relacionamentos humanos tornaram-se efêmeros, reflexões apresentadas pelo sociólogo, crítico da pós-modernidade Bauman (2003, 2004, 2005) para

explicar a fragilidade de solidez das relações na contemporaneidade. Esse autor afirma que as relações são fragilizadas e angustiantes e propiciam aos indivíduos não acreditarem em mais nada; as novas formas de se relacionar se opõem as de um passado não tão distante, no qual tudo era sólido, constante e rígido. Os relacionamentos, a qualquer instante, podem ser desfeitos, pois são superficiais e substituídos por “conexões” que podem ser desfeitas a qualquer momento, pois são laços eventuais, prazeres passageiros (Bauman, 2004).

Ao reconhecer o amor, essa característica da superficialidade do amor na contemporaneidade – a que esse autor chama de amor líquido –, ele aponta que hoje “os relacionamentos são de bolso” (Bauman, 2003, p. 37), só servem se posso carregar de modo fácil e sem esforço. Esse autor esclarece que há certas condições prévias para se travar um relacionamento. A “Primeira condição é que se deve entrar no relacionamento plenamente consciente e totalmente sóbrio e nada de amor à primeira vista” (BAuman, 2003, p. 37). Segunda condição: “mantenha-se do jeito que é” (Bauman, 2003, p. 37). A contemporaneidade é uma época de relações sociais e amorosas fugazes, maleáveis como os líquidos, é ágil e segue sempre, nada será eterno em nome da liquidez. Os relacionamentos amorosos são substituídos por “conexões”, termo usado pelo crítico justamente para nomear as relações, no lugar de relacionamentos sólidos e duráveis. Essa nova maneira é marcada pela “fluidez dos relacionamentos” e pelas incertezas de cada ação.

Os indivíduos, na contemporaneidade, parecem passar a ser observados ou reconhecidos pelo que possuem materialmente, pelo que compram, e, nesse contexto, o afeto, o amor, a atenção passaram à ideia de “compra” também. Os relacionamentos, a qualquer instante, podem ser desfeitos, pois são superficiais, pois são laços eventuais, prazeres passageiros, como bem afirma Bauman (2004). O que os indivíduos passam a querer é algo que possa ser acumulado em uma quantidade maior, mas vivenciado quase sempre de forma superficial, de forma que pode ser desfeito a qualquer momento, sem sofrimentos maiores. É uma “conexão”, sexual ou não (pode ser usado para amizades), que resulta em um prazer, que pode ser apenas momentâneo para o indivíduo. As “conexões” contraídas entre os indivíduos são reconhecidas como laços frágeis, banais, com valor passageiro e eventual. São laços frágeis que podem se quebrar e desfazer-se rapidamente (Bauman, 2003). Na pós-modernidade referida por Bauman (2003), embora o afeto seja importante para o relacionamento, estar comprometido requer compromisso, uma posição fixa, comportamento que pode ser desagradável para o indivíduo atual, pois a liberdade individual é uma das referências do homem contemporâneo. Como apontam Vieira e Stengel (2012, p. 351), “É preciso, na vida pós-moderna, ter várias opções em aberto e não deixar que a identidade torne-se fixada.” Assim, os valores são flexíveis, as identidades mudam constantemente, sendo preciso uma capacidade de readaptação constante às realidades do mundo, vivenciando dificuldades para construção de uma sólida identidade. Baumann (2004, p. 35) afirma que:

Uma posição fixa dentro de uma infinidade de possibilidades também não é uma perspectiva atraente. Em nossa época líquido-moderna, em que o indivíduo livremente flutuante, desimpedido, é o herói popular, estar fixo – ser identificado de modo inflexível e sem alternativa é algo cada vez mais mal visto.

Seguindo esse raciocínio de fragilidade, de amores líquidos, surge também em paralelo o pensamento da individualidade, muito presente nos relacionamentos atuais, muito embora não seja de todo um pensamento negativo. São diversificados os entendimentos para a individualidade; é uma das características bem nítidas do pensamento contemporâneo ou do sujeito pós-moderno, e, por conseguinte, se faz presente nos relacionamentos contemporâneos.

Vieira e Stengel (2012, p. 149.) discorrem que nesse tempo os “indivíduos preocupam-se com o seu bem-estar social e acabam não se importando com os problemas da sociedade”. O sujeito desse tempo é *descentrado*, vive diferentes identidades, variadas posições, e, como consequência, perde a estabilidade do sentido de si mesmo, vivendo identidades fragmentadas, inacabadas, abertas e, muitas vezes, contraditórias. Concomitantemente, encontramos também uma crescente “individualização” e pluralização das formas de conjugalidade, formas familiares, com características bem diferenciadas de tempos pretéritos, fruto dessas dinâmicas contemporâneas marcadas pelo individualismo, que do ponto de vista filosófico, segundo Vargens (2010, p. 53), “[...] é uma teoria que salienta a pessoa, valoriza o indivíduo, e o aponta como a realidade mais essencial de todas as coisas”.

As dinâmicas de conjugalidade mudaram, portanto: de uma posição de sobrevivência econômica e identitária, passam a se constituírem como vivências afetivas e uma busca constante pela felicidade e realização pessoal (Aboim 2006b; Campos; Scorsolini-Comin; Santos, 2017; Zordan; Falcke; Wagner, 2009). Os relacionamentos tornaram-se mais flexíveis e permanecem garantindo “sua posição estratégica da manutenção de organização social” (Aboim, 2006b, p. 823).

Para Campos, Scorsolini-Comin e Santos (2017, p. 72), no novo cenário que surge na modernidade tardia “as relações conjugais deixam de ser instauradas por interesses externos para serem cada vez mais definidas por afinidades afetivas e sexuais”. O relacionamento conjugal tem sido preservado pelo amor mútuo, pelo afeto que dará base para a uma vida em comum e para o compartilhamento de desejos e projetos conjugais. Conforme Campos, Scorsolini-Comin e Santos (2017, p. 72), “sob a ótica da contemporaneidade, ganha particular relevância o sentimento amoroso, sentimento esse que dá o tom do relacionamento conjugal, mesmo que seja frágil, líquido, passageiro”.

A literatura sobre conjugalidade aponta a existência de diferentes formas, dimensões e centramentos. Podemos dizer que, de diversas maneiras, os casais se organizam para viver suas conjugalidades. De formas conscientes ou não, cada um vai ditando sua forma de viver e de ver o mundo, cada um com os seus óculos de crenças e valores na perspectiva e expectativa da vida a dois. A forma como cada um dos membros do casal se propõe a viver a conjugalidade, suas práticas cotidianas, suas representações e cada valor associado a determinadas formas podem ser exemplos do condicionamento de determinados fatores dentro da conjugalidade.

A conjugalidade, como relação a dois, envolve os aspectos pertinentes do eu e do nós no relacionamento. Vieira e Stengel (2010, p. 348), na tentativa de compreender a relação entre o individualismo e o relacionamento de amor-conjugalidade, afirmam que para isso acontecer existe a necessidade de “uma discussão sobre o individualismo”. O individualismo é concebido por eles como “uma ideologia presente e marcante na Pós-Modernidade ou contemporaneidade”. Ideologia que toma o indivíduo como referência. O indivíduo desse

tempo é aquele que olha para si como independente, dono de si mesmo, onde a preocupação é apenas consigo e com o que está no seu entorno que pode lhe beneficiar.

Para Singly e Peixoto (2000, p. 21) é impossível “desprezar o individualismo, a menos que se admita que o percurso da vida de um indivíduo pode ser determinado por outros e não por ele próprio”; viver a individualidade não significa que se almeje viver na solidão. Para esses autores, o individualismo é relacional, de um “nós” que permite ao “eu” construir laços de forma que não sufoque o outro, e compreendendo que cada sujeito procura elos sociais que sejam fortes, mas que não levem o outro a sacrificar a sua liberdade. É preciso viver um eu que construa sua identidade. Um eu que não seja sufocado pelo outro, mas que consiga desenvolver a sua liberdade. Stein (2007 *apud* Almeida; Romagnoli, 2019) afirma que não é possível a existência de um eu sem que se ache liberdade, sendo ela uma parte constitutiva do ser humano, correspondente à pessoa como um sujeito provido de vontade, de direitos de querer. Fornasier (2016, p. 92) afirma que “A liberdade tem necessidade de um ponto genético por assim dizer. Designado pela gratuita relação da liberdade de outrem, como ativação e orientação na existência, na qual adentra em plena posse de si mesma e deixa desabrochar a identidade humana.”

Revela assim a identidade relacional do ser humano de acordo com sua natureza. Considerando a conjugalidade como um lugar comum ao casal, ocorre a necessidade do respeito à autonomia e satisfação individual e do outro. Se os cônjuges derem ênfase somente à satisfação individual, corre-se o risco dos espaços conjugais da vida a dois se tornarem fragilizados (Vieira; Stengel, 2010). A individualidade pode ser destrutiva quando apenas o eu importar para a pessoa, o egoísmo começa a imperar no relacionamento e a trazer problemas conjugais, fragilizar e desgastar a relação. Uma individualidade saudável requer o respeito ao outro, o lugar do outro, para o bem do relacionamento conjugal.

Segundo Féres-Carneiro (1998), “A constituição do casamento contemporâneo é pautada pelos valores do individualismo, fato que pode ser origem de tensões.” Tensões que contribuem para os conflitos conjugais. Desde a modernidade, a individualidade vem se impondo sobre os indivíduos, impactando os relacionamentos amorosos e os interpessoais e, conseqüentemente, contribuindo para que a sociedade pós-moderna seja caracterizada como individualista, no sentido de pensar apenas em si, não demonstrar preocupação com o outro, com as causas coletivas, sendo de certa forma transferido para as relações pessoais e amorosas: “[...] na pós-modernidade os indivíduos preocupam-se com o seu bem estar individual, revelando uma indiferença com as questões sociais” (Vieira; Stengel, 2012, p. 147). Nesse pressuposto existe uma intensidade nos aspectos concernentes à independência pessoal, valorização do corpo, uma preocupação apenas consigo próprio; assim é caracterizado o homem pós-moderno.

Barboza (2011) assevera que o individualismo surgiu como algo saudável, mas os indivíduos demonstraram dificuldades em conviver e administrar situações inerentes ao casal, às necessidades e expectativas de cada um, levando a afetar a conjugalidade. As mulheres passaram também a exigir seus direitos com maior intensidade, não abrindo mão de suas vontades e desejos em troca de uma relação que não atende às suas expectativas, muitas vezes sem prazer, afeto, respeito e carinho.

Ferreira e outros (2012) ressaltam que estudos de autores como Jablonski (2001), Aboim (2009), Oltramari (2009), Goldenberg (2005) e Féres-Carneiro (1998) Ferés-Carneiro e Diniz Neto (2010) se aproximam em perspectiva e indicam que

[...] de modo geral, o maior impacto da modernidade sobre a conjugalidade seja o fenômeno do excesso de individualismo que começa historicamente quando o homem se tornou o centro do universo e a partir do que os seus quereres também ocuparam o primeiro plano, caminhando do iluminismo até a pós-modernidade este grande 'EU' vem ocupando cada vez mais a cena. (Ferreira *et al.*, 2012, p. 5).

Nessa visão mais individualista, é impossível não perceber também que os relacionamentos humanos têm sido afetados, e de igual modo os relacionamentos conjugais são conduzidos pela lógica do consumo, do descartável e da fugacidade, que traz apenas uma experiência rápida de satisfação e prazer do eu. Como asseveram Bezerra e Justo (2010, p. 196), “Os laços tornam-se efêmeros e episódicos, na exata medida da duração da incandescência de sentimentos e paixões que se renovam rapidamente”. É o drama dos relacionamentos contemporâneos, que só duram enquanto o outro está atendendo às suas expectativas amorosas.

Segue assim uma tendência, comum na contemporaneidade, de os relacionamentos serem rápidos, de curto tempo, sem compromissos maiores. O “até que a morte nos separe”, “sejam felizes para sempre”, são expectativas que acabam sendo decretos de privação da liberdade, que não se constituem em prazer e nem em mais felicidade.

O individualismo exacerbado tem provocado conflitos e separações a bem da felicidade pessoal e ideal de relação conjugal, como afirma Ferés-Carneiro (1988, p. 38): “Os ideais contemporâneos de relação conjugal enfatizam mais a autonomia e a satisfação de cada cônjuge do que os laços de dependência entre eles.” Ser autônomo, independente do outro, acredita-se que isso promove a felicidade e o bem-estar pessoal. Contudo, é possível viver a individualização e a conjugalidade mesmo sendo aparentemente paradoxal. Aboim (2004) já afirmava que a conjugalidade tem transitado pelo ideal de autonomia de cada cônjuge, tendência que parece contraditória por revelar o desejo da pessoa de viver uma fusão amorosa e, ao mesmo tempo, manter um nível de individualidade. Para Alves (2012), a presença da individualização e autonomia entre os cônjuges vem sendo favorecida por diversos fatores, como sociais, culturais e psicológicos.

Certeau (1998, p. 38) entende que “cada individualidade é o lugar onde atua uma pluralidade incoerente de suas determinações sociais”. Individualidade como lugar onde se organiza, muitas vezes de forma contraditória, a pluralidade da vivência social. Ferés-Carneiro (2003), em pesquisa sobre a construção da identidade conjugal no casamento contemporâneo, realizada com 18 casais de classe média da população carioca, atendidos em terapia de casal durante três anos, buscando atender um dos objetivos que foi investigar estratégias para conciliar individualidade e conjugalidade, concluiu que homens e mulheres de ambas as faixas etárias – de 25 a 35 e de 45 a 55 anos – ressaltaram a importância da “valorização da individualidade” na vida a dois. Cada pessoa procura buscar a sua essência no tempo, em seus espaços, procurando vivenciar sua individualidade de forma que não se sinta aprisionado, dependente, mas livre para viver sua realidade, sua individualidade em parêntese à fusão amorosa, ou seus amores sem o sentimento de enclausuramento. É necessário, outrossim, o reconhecimento, o respeito, colocando cada um no seu devido lugar, a fim de permitir a possibilidade de conjugar a individualidade com a conjugalidade (Alves, 2012). A conjugalidade, no entanto, não deve ser identificada como a soma das individualidades, mas pode ser entendida como um processo compartilhado e contínuo que

forma uma terceira realidade, que é a relação conjugal (Lafuente, 2020). Para Aboim (2004), a conjugalidade tem transitado pelo ideal de autonomia de cada cônjuge, tendência que parece contraditória, visto que se revela no desejo da pessoa de viver uma fusão amorosa e, ao mesmo tempo, manter um nível de individualidade. Ainda segundo autora, a conjugalidade também está dividida entre um ideal de fusão afetiva, na qual se dedica às expectativas de felicidade pessoal, como também se investe na realização pessoal (Aboim, 2006b).

Refletir sobre a individualidade é um fazer referência à singularidade. Singularidade que vai fazer a diferença entre um indivíduo e outro, tornando esse indivíduo único, sendo o resultado de socializações, a maneira como o indivíduo se relaciona com o mundo e possibilita a construção das suas objetivações e sua individualidade, pontua Silva (2009). É um pensar na individualidade não como sinônimo de egoísmo, mas como de um ser autônomo na sua maneira de pensar, de agir, de buscar o autoconhecimento, uma independência do sujeito em relação ao outro, com o objetivo, o propósito de legitimar cada escolha individual. A individualidade é única de cada ser e a fusão de duas individualidades funda o campo da conjugalidade.

A construção de um objeto: Conjugalidade/religiosidade durante o isolamento social imposto pela pandemia da COVID 19

O foco desta seção é, portanto, a “Conjugalidade de Casais em contexto Evangélico”. Perpassou reflexões sobre conjugalidade, família, casamento, a dinâmica e interferência da religiosidade na vida e os impactos da pandemia na conjugalidade, um estudo no qual a teoria reverberou no empírico. No desenvolvimento da pesquisa, algumas questões nortearam o processo, sendo a principal: Como casais evangélicos vivem o percurso e dinâmica da conjugalidade na sociedade contemporânea? A esta questão principal juntaram-se outras: O “estilo” de vida conjugal é influenciado pelos ensinamentos religiosos ministrados na IEAB? Quais impactos incidiram na família em tempos de pandemia?

Um número considerável de estudos nas ciências sociais tem apresentado evidências de um alto nível de envolvimento religioso dos brasileiros em alguma religião.

Moreira-Almeida e outros (2010, p. 20), em estudo sobre envolvimento religioso em uma amostra probabilística da população brasileira e as relações entre variáveis de envolvimento religioso, conclui “que o Brasil [...] apresenta, assim como nos EUA, altos níveis de envolvimento religioso”. Conforme estudos, envolvimento religioso são vivenciados pelos brasileiros, em diferentes tipos de religiões nas quais são filiados, como o Catolicismo, Espiritismo, Afro-brasileira, Protestantismo ou Evangélicos.

Segundo Bruscagin (2004b, p. 170), religião pode ser definida “Como um sistema de crenças organizado, que inclui valores morais e a existência de Deus ou um ser superior, que é partilhado, institucionalizado e leva as pessoas que dele partilham a se envolverem em uma comunidade de fé.”

Religião é uma expressão que vem do latim *religare*, que significa ligar de novo. É uma tentativa de o homem se ligar novamente ao sagrado, a Deus. Envolve um sistema de crenças porque cada religião desenvolve ritos, rituais, conceitos de fé. Para praticar uma religião, o indivíduo geralmente torna-se membro de uma instituição religiosa e compartilha com outros a sua fé em Deus. A conversão ao evangelho envolve mudança no sistema de

valores e visão de mundo (Gomes, 2011). Para Bruscagin (2004b, p. 143), “A espiritualidade e a religião são aspectos muito importantes da experiência humana, seja vivida como crença pessoal no transcendente, seja vivida dentro de uma comunidade religiosa formal”. Pertencer a uma religião, ser envolvido nos seus propósitos, contribui para o crescimento espiritual, para o amadurecimento do ser humano e para a convivência nas suas relações interpessoais e familiares. Ressaltamos, porém, que o indivíduo pode viver uma prática espiritual e não ser religioso, no sentido de não frequentar de maneira formal uma igreja. Bruscagin (2004b) ainda afirma que, para diversas famílias, a religião, seus ensinamentos e orientações integram suas dinâmicas familiares, trazendo para prática um sistema de valores e princípios que inspiram os membros da família que comungam da mesma fé. Nestes casos, muitas escolhas, decisões e ações são desenvolvidas com bases em ensinamentos e princípios religiosos. Em muitas famílias, o cônjuge se converte à religião do outro par. Quando surgem os filhos, esses são orientados pelos pais para desenvolverem a mesma fé, sendo direcionados a frequentarem uma igreja, como também a observarem seus estatutos. Quando amadurecem os casados, e chegam ao “ninho vazio”, posta a velhice, tendem a aumentar a importância dos valores religiosos. Bruscagin (2004a, p. 164) afirma que “Nessas fases, as pessoas indagam mais sobre o sentido da vida, por encontrarem-se mais próximas da morte.” Obviamente, a contemporaneidade também fomenta a possibilidade das muitas escolhas. Assim, é comum que numa mesma família, indivíduos professem diferentes formas de fé religiosa, ou nenhuma. A pluralidade religiosa é um fenômeno contemporâneo.

Em se tratando da religião evangélica, é evidente que existe um universo bem heterogêneo, caracterizando-se por uma dispersão de posições ideológicas e teológicas, com uma pluralidade de orientações segundo os valores e missão de cada denominação, e por vezes antagônicas quanto ao casamento, à conjugalidade e ao estilo de vida pessoal (Couto, 2001). Segundo o Censo do IBGE de 2010 (IBGE 2010c), 42,3 milhões de pessoas são evangélicas no Brasil, ou seja, aproximadamente 22,2% dos brasileiros, com um aumento de 61,45 % em dez anos, sendo o terceiro maior país do mundo em número de evangélicos. O Censo de 2010 apresenta ainda uma projeção de crescimento até o ano de 2032.

Nos anos de 2020 e 2021, medidas importantes de isolamento social foram mundialmente preconizadas. Aglomerações de pessoas foram impedidas, comércios, restaurantes e ambientes de lazer, repartições públicas, escolas, universidades e igrejas igualmente foram fechadas. Souza e Macedo (2020) observam que as agências de notícias (como a agência Brasil) publicaram nas mídias sociais que ocorreu um aumento considerável nos pedidos de divórcio; segundo empresas especializadas em divórcios, houve um aumento de 177% na procura por advogados para consultoria sobre separações, isto em comparação com o ano de 2019. Um levantamento realizado em vários países demonstrou que o número de pedidos de divórcio também aumentou de forma considerável. Em Portugal foi registrado um aumento de 25% no número de separações. Aumentos também foram verificados na China, Itália, Austrália, Estados Unidos e muitos outros países. Mudanças visíveis na sociedade e na família brasileira foram registradas. É fato que o convívio de forma intensa e diária, em virtude do isolamento social, tem, de certa forma, sobrecarregado as famílias em seu emocional e no seu psicológico, acirrando conflitos e, como consequência, decisões, acredita-se, precipitadas estão sendo tomadas nesse período por conta da ansiedade, perdas e lutos que têm alterado a vida das pessoas, como pontuam Kerbauy, Bartilotti e Sneiderman (2020, p. 87):

O distanciamento social, o confinamento, o excesso de informações, a mudança repentina nos hábitos, o perigo iminente de contágio, a vivência de inúmeras perdas e lutos mais complexos e a redução de renda familiar, são alguns exemplos de importantes situações geradoras de altos índices de ansiedade e de angústia em grande parte da população, afetando, sem dúvida, a saúde e a qualidade de vida.

A realidade da pandemia promoveu mudanças que aceleraram processos que já vinham sendo organizados para acontecer, mas a longo prazo, como ensino a distância. As famílias não foram preparadas para tal realidade, mas tiveram que se adaptar para não incorrer em prejuízos educacionais maiores para os filhos. Segundo Guizzo, Marcello e Müller (2020, p. 5), “a quarentena dá origem a um deslocamento [...] e coloca em evidência um cotidiano inventado e legitimado para ela”. Nas palavras de Giddens (1993, p. 24), um desencaixe, do qual ele mesmo faz referência como “deslocamento das relações sociais de contextos locais de interação e sua reestruturação através de extensões indefinidas de tempo-espço”. O cotidiano atual chega imposto, sem planejamentos, deslocando as famílias de seus contextos locais de interações, de forma que os indivíduos foram reorganizando suas vidas, para sobrevivência de todos.

Guizzo, Marcello e Müller (2020) mostram, em sua pesquisa, que com o advento das medidas restritivas da Covid-19, ocorreu uma sobrecarga para a mulher, que além de assumir as responsabilidades de mãe, passa também a se deslocar para o lugar de professora, de mediadora de atividades escolares dos filhos, função para a qual muitas não foram preparadas, promovendo desconfortos inusitados. Os filhos também foram deslocados dos seus lugares de interação, como da escola e dos colegas de classe, os cursos nos quais interagem, além da família. Eles saíam de casa para suas escolas, seus diferentes cursos, mas a realidade posta foi de permanecerem em casa, participar de aulas remotas, mediadas pelas tecnologias por mais de um ano. É importante considerar que em tempos de isolamento social a tecnologia passou a ser usada de forma intensa pelas famílias, pelas escolas, universidades e igrejas, o que foi provocando mudanças fenomenais nos comportamentos e proporcionando reajustes nas relações religiosas, familiares e interpessoais. Guizzo, Marcello e Müller (2020, p. 6) afirmam que “a mediação propiciada pelas tecnologias emerge, então, como um esforço para que os laços sejam mantidos”. Laços entre professor e aluno, entre os casais, entre os familiares, entre a igreja e seus membros distantes podem ser fortalecidos por intermédio das tecnologias, sendo providencial nesses referidos tempos. Entretanto, o direito a frequentar escolas passou a ser reprimido em razão do direito à vida. Os cônjuges passaram a trabalhar em casa, um espaço que antes era do descanso, do ficar à vontade; muda-se também o cotidiano dos cônjuges, que precisam encontrar meios, para serem criativos em suas dinâmicas.

Narrativas sobre Conjugalidade e Religiosidade em tempos de Pandemia

Em meio à crise na saúde pública que o mundo viveu quando deflagrada a pandemia, as famílias viveram de diferentes formas esta situação sanitária. Sem dúvida, a classe social é um fator discriminante de vulnerabilidades. Famílias e pessoas em situação de pobreza estiveram bem mais vulneráveis e muitos foram vítimas fatais do vírus por conta da própria

falta de condição de isolamento e higiene. As individualidades se viram impactadas e as conjugalidades tenderam a ser afetadas. Atitudes abusivas, violentas, por parte de parceiros e parceiras, tornaram-se manchetes e notícias nas redes sociais e jornalísticas. Aumento de agressões e de separações conjugais foram fatos publicados constantemente pelas mídias sociais. E entre os casais de contexto evangélico, qual dinâmica tem caracterizado a convivência? Esta pergunta nasce no meio da pesquisa, que, como dito anteriormente, não tinha esta pretensão como objetivo principal.

Diante da literatura, colocamos 3 questões para as famílias entrevistadas (cinco casais). Seguimos a orientação da Análise de conteúdo, inscrevendo as respostas em unidades de contexto e Unidades de registro.

QUESTÃO 1 – Ocorreram conflitos neste período de pandemia?		
Respostas	Unidades de contexto (UC)	Unidades de registro (UR)
Não. Pelo contrário.	<u>Não.</u>	Não ocorreram conflitos.
Não. Apesar de a gente estar mais juntos, ficar mais tempo em casa, <u>graças a Deus não tivemos esse problema não.</u>	<u>[...] graças a Deus não tivemos esse problema não.</u>	Não ocorreram conflitos.
Não. Por causa de pandemia não houve <u>conflito não.</u>	<u>Não. [...] conflito não.</u>	Não ocorreram conflitos.
Não, muitos conflitos, não. Há diferença em algumas coisas, mas <u>tantos conflitos, não.</u>	<u>Não. Tantos conflitos, não.</u>	Poucos conflitos.
<u>Não, não ocorreu não. Em certo ponto eu achei até bom, porque ela deitou comigo para assistir, comigo e com os filhos, para assistir séries e filmes, coisa que ela não faz. Então tivemos, assim, um momento até diferente dentro do nosso lar. Eu não me deixei abalar muito pela pandemia. Sei que mudou muita coisa, mas eu mantive minha vida centrada.</u>	<u>Não, não ocorreu não. Em certo ponto eu achei até bom, porque ela deitou comigo para assistir, comigo e com os filhos [...]</u> <u>Eu não me deixei abalar muito pela pandemia.</u>	Não ocorreram conflitos. Não se abalou com a pandemia.
Não ... <u>não achei conflito, só fiquei muito apreensiva por estar com ele, que estava com a Covid-19. Eu também tive que ficar, devido ao contato. Eu tive também que ficar juntamente com ele, porque eu não sabia se estava. Não estava. Porque o contato ali junto, isso... Os meninos também tiveram que ficar todos dentro, para evitar algum contato com pessoas de fora, e aí a gente ficou naquele período ali, a gente buscou, ele escolheu assistir filmes, séries, e ficamos muito tempo juntos, foram 14 dias. Assim, juntos mesmo, porém sem poder sair nem fazer outras atividades. E às vezes, quando a gente não estava junto, assim, que tinha algumas atividades fazer, foi ruim porque a gente não podia sair. Quando você fica a maior parte do tempo preso lá, sem nunca ter essa situação, é um pouco ruim, mas graças a Deus, com ajuda dele, ali, e os meninos, ali fluiu, sabe, não foi muito sofrido.</u>	<u>Não achei conflito, só fiquei muito apreensiva por estar com ele, que estava com a Covid-19.</u>	Não tiveram conflitos.
<u>Discussãozinha boba, mas passada para administrar.</u>	<u>Discussãozinha boba.</u>	Discussão.
Raras.	<u>Raras.</u>	Raros os conflitos.

Não. É uma coisa que... Talvez por ser da área de saúde, já fica mais fácil, sabendo o que pode fazer e o que não pode fazer. Aglomerações a gente tem evitado. E, enfim, não deixamos de fazer algumas coisas, não, por causa da pandemia. <u>A pandemia está aí, a gente tem que fazer o quê? É se reinventar e se adequar à realidade até ver, até o dia que vai.</u>	<u>Não. A pandemia está aí, a gente tem que fazer o quê? É se reinventar e se adequar à realidade até ver, até o dia que vai.</u>	Não ocorreram conflitos. Se adequaram à realidade.
<u>Não, pelo contrário, foi uma base dentro de casa, porque assistiu de novo Dez Mandamentos. O filme dos Dez Mandamentos, Sansão e Dalila, pelo menos. Ele não assistiu muito não, mas a gente aqui em casa, eu assistia com meu neto e é muito bom. Foi muito bom, porque eu me edifiquei muito com essa pandemia, procurei mais ler a Bíblia, procurei mais ouvir hinos, que a gente não tinha essa oportunidade porque o dia a dia não deixava, né.</u>	<u>Não, pelo contrário, foi uma base dentro de casa [...]</u> <u>[...] procurei mais ler a Bíblia, procurei mais ouvir hinos, que a gente não tinha essa oportunidade porque o dia a dia não deixava.</u>	Não ocorreram conflitos. Fizeram leituras.

QUESTÃO 2. Fale um pouco sobre a dinâmica do cotidiano no período de pandemia. O que achou de estarem (a família) mais tempo juntos?

Respostas	Unidades de contexto (UC)	Unidades de registro (UR)
Eu não tive quarentena, entre aspas, porque <u>continuei trabalhando. Ela não trabalhou, ficou em casa com os meninos.</u> Um meu filho, o outro, também trabalha. A gente continuou trabalhando. Durante a semana, eu saía para trabalhar e voltava. E fim de semana, ficávamos juntos em casa, curtindo a família.	<u>[...] continuei trabalhando. Ela não trabalhou, ficou em casa com os meninos.</u>	A rotina não foi afetada.
<u>Foi ótimo. Eu gosto... eu gosto, pra mim não foi nada de dificuldades, foi difícil não, pra mim eu gosto.</u> Até quando ele tem uma folga, ou coisa assim, tem mulher que não gosta, né? Dá graças a Deus quando o marido sai para trabalhar. Eu não, eu gosto de estar sempre juntos.	<u>Foi ótimo. Eu gosto... eu gosto, pra mim não foi nada de dificuldades, foi difícil não, pra mim eu gosto.</u>	Mudanças positivas na rotina.
Certo, muito bem. <u>O mais positivo de tudo desse período que a gente teve como experiência foi lermos a Bíblia juntos. Nós lemos alguns livros da Bíblia juntos.</u> À noite a gente sempre se reunia para fazer a leitura e o momento de oração, coisa que a gente não fazia diariamente. A gente começou a ter essa prática, e nós lemos vários livros na Bíblia juntos.	<u>O mais positivo de tudo desse período que a gente teve como experiência foi lermos a Bíblia juntos. Nós lemos alguns livros da Bíblia juntos.</u>	Mudanças positivas no relacionamento. Proximidade fortalecida.
Sim, houve mais <u>uma aproximação, filhos, esposa, esposo. Houve mais este momento de estar junto, conversar mais.</u>	<u>[...] uma aproximação, filhos, esposa, esposo. Houve mais este momento de estar junto, conversar mais.</u>	Mudanças positivas.
Sim, e muito importante. A fé, como eu já citei antes, a fé me deu uma base para aprender a viver contente em toda e qualquer situação. Eu não me abalo fácil, ela sabe. Se eu sentir que está pegando alguma coisa assim, eu busco logo resolver. Busco logo resolver, mas não deixo me abater não. Ou vou orar, ou o princípio da oração. Da oração eu faço atividade física, mantenho contato com as pessoas, mas não me deixo abalar. Mas <u>eu também, graças a Deus, continuei trabalhando, continuei tendo contato.</u> Pode ter sido diferente de muitas pessoas. A minha realidade econômica não afetou tanto a chegar ao ponto de correr o risco de faltar algum alimento dentro de casa. Mas há pessoas que já passaram por uma situação assim, que é bem mais delicada, e a gente tem que respeitar todos eles e buscar ajudar no que for preciso e necessário.	<u>Eu também, graças a Deus, continuei trabalhando, continuei tendo contato.</u>	Mudanças positivas na dinâmica da relação.

Assim, <u>juntos mesmo, porém sem poder sair nem fazer outras atividades. E, às vezes, quando a gente não estava junto, assim que tinha algumas atividades para fazer, foi ruim porque a gente não podia sair.</u> Quando você fica a maior parte do tempo preso lá, sem nunca ter essa situação, é um pouco ruim, mas graças a Deus, com ajuda dele, ali, e os meninos ali, fluiu, sabe?	<u>Juntos mesmo, porém sem poder sair nem fazer outras atividades. E, às vezes, quando a gente não estava junto, assim, que tinha algumas atividades para fazer, foi ruim porque a gente não podia sair.</u>	Sem mudanças drásticas.
<u>Tempo de pandemia. Pra gente foi um pouco, assim, difícil, né? Porque é difícil, eu diria, se você passa o dia todo separado, né? E nós passamos mais de 15 dias juntos, então, ali para mim foi difícil, né? Minha esposa, ela tem uma mania de limpeza. Então você não poder fazer isso então, ali no chão. Ah, várias coisas assim, que bobagem mesmo. Foi um momento difícil não por causa do vírus, mas pelo momento que ela estava vivendo, de apreensão pelo que aconteceu comigo e, quer dizer, então, de certa maneira, traz prejuízo para a vida da gente, psicologicamente, para as condições, não por causa da minha família por conta do que estava acontecendo.</u>	<u>Tempo de pandemia. Pra gente foi um pouco, assim, difícil, né? Porque é difícil, eu diria, se você passa o dia todo separado.</u> <u>Nós passamos mais de 15 dias juntos, então, ali para mim foi difícil.</u>	Dificuldades no compartilhamento do espaço.
Ver que, <u>no meu caso, do meu esposo, a gente mesmo estando em casa, um procurava ajudar o outro, procurava fortalecer um ao outro,</u> A gente sempre manteve o mesmo tanto dentro de casa, mas a gente trabalhava, né? Um ajudando o outro, até mesmo na necessidade de prover a casa. Sempre foram os dois. Juntos.	<u>No meu caso, do meu esposo, a gente mesmo estando em casa, um procurava ajudar o outro, procurava fortalecer um ao outro.</u>	Ajuda mútua, sem conflitos.
Olhe, ela não deixou de trabalhar por isso. Eu não deixei de fazer as minhas coisas por isso. Simplesmente me cuido. Não deixei de ir no centro da cidade fazer alguma coisa, porque eu tenho que me deslocar, eu não vou ficar aqui, o tempo todo em casa deitado, não. Porque eu não sou de ficar deitado. Deu a pandemia e o momento pior que foi nos meses de março e abril do ano passado, eu não vou dizer... <u>Para mim a pandemia está aí, mas eu não alterei nada do que eu vinha fazendo. Só fiz me adequar e me cuidar. Não deixei de fazer nada, não.</u>	<u>Para mim a pandemia está aí, mas eu não alterei nada do que eu vinha fazendo. Só fiz me adequar e me cuidar. Não deixei de fazer nada, não.</u>	Rotina sem mudanças.
Melhor, edificou mais a nossa relação, <u>com certeza nos conhecemos melhor.</u>	<u>[...] com certeza nos conhecemos melhor.</u>	Fortaleceu o relacionamento.

QUESTÃO 3. Como a família administrou o período de afastamento social na pandemia?		
Respostas	Unidades de contexto (UC)	Unidades de registro (UR)
Interessante que quando eu via os noticiários, jornal, em casa, eu via as pessoas reclamarem, essa discussão que eu via sempre. E eu não me via. Porque, na verdade, como eu falei no início, eu tenho prazer de estar com meus filhos e minha esposa. Isso para mim... Tirando o sofrimento de algumas pessoas, que a gente viu que teve muito sofrimento. Eu não quis ser egoísta para falar que é bom. Eu estava sendo egoísta. <u>Mas eu acho que na questão da convivência, para mim, eu achei maravilhoso, porque eu pude desfrutar de muito mais tempo com meus filhos e minha esposa.</u>	<u>Mas eu acho que na questão da convivência, para mim, eu achei maravilhoso, porque eu pude desfrutar de muito mais tempo com meus filhos e minha esposa.</u>	Fortalecimento dos relacionamentos na proximidade.
Pra gente... justamente por essa questão de a gente gostar de estar juntos, então... e também o gostar de estar em casa, então pra gente não foi também... não foi assim um choque tão grande, porque sempre valorizou estar junto. E essa parte de a gente ser bastante caseiro, a gente administrou bem. Foram	<u>Pra gente... foi resultado positivo juntos. Foi ótimo.</u>	Mudanças positivas na dinâmica relacional.

momentos, assim, que a gente pôde estar mais ainda juntos, compartilhando de várias coisas, vários momentos juntos. <u>Pra gente.... foi resultado positivo juntos. Foi ótimo.</u>		
<u>Nós procuramos, temos procurado ainda, estamos gerindo esse período ainda, administrar da melhor maneira possível para evitar os estresses, a rotina, que às vezes traz grandes incômodos.</u> Por exemplo, a gente tem as atividades de casa e tal. A esposa mais comanda a casa e o interior dela, está resolvendo os problemas, está ali. Eu estou presente, atendendo também às minhas demandas pastorais na medida do possível. Agora, dentro de casa, assim.	<u>Nós procuramos, temos procurado ainda, estamos gerindo esse período ainda, administrar da melhor maneira possível para evitar os estresses, a rotina, que às vezes traz grandes incômodos.</u>	Gerenciament o para evitar estresse.
Esse período de pandemia, eu acho que foi o período que a gente mais, <u>nós, família, eu, meu esposo, filhos, é que a gente mais se aproximou em relação até a conversas, em relação a estar juntos, meditando na palavra do senhor.</u>	<u>[...] nós, família, eu, meu esposo, filhos, é que a gente mais se aproximou em relação a estar juntos, meditando na palavra do senhor.</u>	Maior aproximação no período.
A gente esteve bem. Para mim, a vida continua normal. Mesmo tendo a própria Covid-19, não me afetou muito não, vamos ser sinceros, entendeu? Agora, alguns sim. Os 14 dias dentro de casa, a gente sentiu um pouco, entendeu? Isso foi o que me abalou, eu senti um pouquinho. Ficar 14 dias ali, mesmo eu saindo pouco e tal. Eu ainda dava uma caminhada assim. Porque a minha casa, a área da frente é aberta, é livre, não tem... Mesmo assim, não tinha certeza se realmente estava com Covid, e isso me afetou um pouquinho nesses 14 dias. Mas, por outro lado, <u>a convivência foi excelente dentro de casa. A gente aproveitou bastante para fazer aquilo que não fazia.</u> Afastou um pouquinho dos nossos familiares. Isso aí a gente afastou um pouco, nós sentimos. A igreja afastou um pouco também. Mudou muita coisa, mas dentro de casa mesmo, apesar de todas as lutas, mas até hoje conduzi normal.	<u>A convivência foi excelente dentro de casa. A gente aproveitou bastante para fazer aquilo que não fazia.</u>	Fortaleciment o dos vínculos familiares.
<u>Sim, através da rede social, mas em contato é um pouco complicado, porque a gente nem pode estar direto.</u> Num momento como esse, se tem esse contato, aí fica difícil. Às vezes a gente sente que a gente não pode ter um abraço, não pode ter um aperto de mão, e isso aí tem prejudicado, porque a gente sente falta do abraço. Mas só na rede social eu acho que ainda não é o suficiente para que a gente tenha aquele vínculo amoroso com a família. Traz muita tristeza para o momento que a gente está vivendo.	<u>Sim, através da rede social, mas em contato é um pouco complicado, porque a gente nem pode estar direto.</u>	Através das redes sociais.
Conversando muito.	<u>Conversas.</u>	Conversando.
Com conversas. Redes sociais.	<u>Conversas, redes sociais.</u>	Conversando e redes sociais.
Eu vejo hoje que as famílias... Que a pandemia... <u>Não foi o meu caso, mas a pandemia trouxe muita desunião, muita desagregação de família,</u> muita separação, divórcios, principalmente porque passaram a trabalhar em casa, no <i>home office</i> , e é onde você vê. Enquanto estavam trabalhando um lá, o outro cá, tudo tranquilo, eles se veem à noite. Mas quando estão em casa... Não no meu caso, eu não vivi isso. Mas vi casos de casais saindo para a violência, muita agressão à mulher nesse período. Eu sei que teve. E o que acontece? A tecnologia veio para acabar com muita coisa. Veio para... Trouxe crescimento, desenvolvimento, mas trouxe muita separação, muita desunião. Porque as pessoas estão deixando de ler um livro para ficar o tempo todo no celular. Tem gente que não pode fazer outra coisa. Quando acorda: celular. Não lembra de mais nada. Eu	<u>Não foi o meu caso, mas a pandemia trouxe muita desunião, muita desagregação de família [...]</u>	Não ocorreram conflitos.

digo isso porque eu sou assim. Quando eu acordo, eu pego. Mas eu estou sabendo que é uma coisa boa, que trouxe crescimento, mas também trouxe muita desagregação.		
Importante, porque é a base da... a base da vida cristã é a família, e hoje tá se perdendo os valores, não tem mais diálogo, as pessoas não conversam mais. Nessa pandemia, só Deus na causa dos casais, porque se ficavam distantes, né, só se viam na hora do almoço, à noite... não tinha um diálogo, e aí ninguém sabia o defeito do outro, o seu, o dela, né? <u>E de repente você começa a ficar 24 horas dentro de uma casa, direto com você, o casal, ele e ela, juntos, aí é que se descobre os defeitos, né, as manias, o jeito errado de falar [...]</u> de fazer, e aí começaram a discutir. Ele tá querendo o divórcio, a separação, a violência com as mulheres, só Deus na causa mesmo. Esse trabalho de pesquisa é muito bom, porque você vai descobrir quais os pontos que podem melhorar, os pontos que podem ajudar, é muito bom, eu dou valor.	<u>E de repente você começa a ficar 24 horas dentro de uma casa, direto com você, o casal, ele e ela, juntos, aí é que se descobre os defeitos, né, as manias, o jeito errado de falar [...]</u>	Um maior conhecimento do outro.

Diante dos depoimentos explicitados, corroboramos com a posição de Rampage, (2005, p. 201) quando postula sobre a “experiência de afirmação pessoal e relacional oriunda de interações que demonstram conhecimento recíproco e validação entre os parceiros”. Pode-se concluir que os casais participantes foram favorecidos por esse recurso. Para Silva e outros (2020, p. 16), é uma experiência relacionada ao “sentimento de proximidade, de que os parceiros estão conectados no que se refere a atividades, atitudes e sentimentos”. Diante de situações extremas, a intimidade relacional fortalece o sentimento de que não estão sozinhos no enfrentamento dos problemas, sentimentos e conflitos da vida. Walsh (2005) constatou que, neste sentido, a pandemia pode ser um evento considerado oportunizador para que os cônjuges fortalecessem seus relacionamentos, sua intimidade, conseqüentemente, o amor conjugal e familiar (Stanley; Markman, 2020).

Considerações

Como já encontrados nos estudos de Brusca (2008), constatou-se que os cônjuges consideram que a igreja ajuda a suprir diversas necessidades, sejam espirituais, físicas ou emocionais, pois propicia à coletividade, além de tempo para adoração a Deus, ensinamentos formais e sistematizados sobre os princípios cristãos para a conjugalidade e o casamento, e oferece, para tal, atividades culturais e sociais, lazer, momentos que servem para partilha de conversas informais que ajudam na resolução dos conflitos familiares. Esse é um dos contextos vivenciados pelos participantes.

Observou-se relatos de que o diálogo, a comunicação do casal, gira em torno dos filhos, da igreja com suas atividades de trabalho, dos acontecimentos diários; são elementos importantes para a organização e o alinhamento da vida familiar. A comunicação no percurso conjugal é um elemento reconhecido como de fundamental importância no relacionamento. No que concerne à convivência conjugal, ao respeito ao ponto de vista do cônjuge, percebe-se que há uma tendência à autonomia ou individualização. Apesar de haver um “nós casal”, marcado pelos valores religiosos conservadores, há também uma evidência na observação das individualidades, o “individual” no conjugal. Encontrou-se isso nos relatos e também foi observado pela pesquisadora nos encontros com os casais. Isso é corroborado por Alves

(2012, p. 56), quando discorre que a individualização “alcançou uma dimensão maior na relação de forma que a pessoa não só quer essa participação, mas quer também fazer uso de sua autonomia nas decisões relacionadas a sua própria vida”. Cada cônjuge quer realizar seus próprios projetos, aquilo que vai beneficiar a si mesmo, e não apenas aos dois.

Se antes da conversão, a cada tensão e conflito, o casal pensava em separação, com a conversão, a participação em estudos, palestras específicas sobre vida a dois em congressos, o casal parece ter passado para o entendimento do que é casamento e vida familiar. Assim, os casais passaram a desenvolver um “querer” na administração dos conflitos que surgem no percurso conjugal. Da mesma forma, há um aumento na disposição para perdoar o outro e retroceder em momentos de tensão, em determinadas atitudes e até em concepções em benefício da relação à dois e familiar. Eles asseguraram nos depoimentos a importância de lutarem, empreenderem esforços na construção de uma conjugalidade sólida.

Em suas dinâmicas conjugais ficou evidenciado que os homens trabalham para sustentar a casa, são conhecidos e se reconhecem como provedores do lar; as mulheres, mesmo trabalhando fora de casa e ajudando na parte financeira do lar, se assumem e são vistas pelos parceiros como responsáveis pelas questões domésticas e maternas, tudo que é relativo aos cuidados da família. As mulheres acumulam todas as atribuições domésticas, reconhecendo em suas narrativas serem delas estas atribuições. Uma realidade que deixa transparecer o modelo patriarcal, caracterizado pela assimetria conjugal. É a partir deste dado que reconhecemos o caráter “conservador” ou “tradicional” da conjugalidade evangélica.

O isolamento social, as restrições à circulação e a inevitável vida dentro de casa foram, de certa forma, positivos no sentido de que trouxeram para o casal também uma oportunidade de estarem mais tempo juntos. Ou seja, não apenas a violência doméstica emergiu com força. O fortalecimento do laço conjugal também foi um fato proporcionado pela imposição do isolamento social. O fortalecimento da unidade familiar foi referenciado como momento de estar juntos, realizando atividades: leituras e reflexões, assistindo a filmes e conversando mais neste período. Assim, pelos relatos, os casais participantes da pesquisa não enfrentaram conflitos familiares graves, no entanto, segundo eles, nunca mais serão os mesmos em suas individualidades. Administraram o período sem cultos no templo, assistindo *lives* e fazendo cultos domésticos com a família, o que contribuiu no fortalecimento espiritual dos cônjuges.

Este construto pode então ser considerado relevante, atual e inédito tanto para o município de Feira de Santana, como para o campo social da ciência brasileira e dos estudos posteriores sobre família. No entanto, não foi esgotado em todos os seus vieses, por conta do recorte feito no sentido de delimitar o objeto pesquisado. Muitos outros assuntos ligados ao tema da conjugalidade de casais evangélicos poderão ser abordados em outras pesquisas, em outros momentos. Sugere-se que mais pesquisas sejam realizadas sobre a posição dos pastores e líderes em relação à realidade do número de divórcios entre os evangélicos, prática quase inexistente em tempos passados; e sobre o sexo e a intimidade de casais evangélicos, que parecem continuar sendo tabus para muitos evangélicos. Isso pode ajudar também no levantamento de informações e ampliar o entendimento com relação a viver a conjugalidade na sociedade contemporânea.

Referências

ABOIM, Sofia. Conjugalidade, afectos e formas de autonomia individual. **Análise Social**, v. XLI, n. 180, p. 801-825, 2006a.

ABOIM, Sofia. **Conjugalidades em mudança**: percursos e dinâmicas da vida a dois. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2006b.

ALMEIDA, Eunides; ROMAGNOLI, Roberta Carvalho. Conjugalidade: uma leitura a partir da noção de comunidade em Edith Stein. **Psicologia: Teoria e Pesquisa [online]**, v. 35, 2019. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/revistaptp/article/view/23578/25417>. Acesso em: 15 mar. 2021.

ALVES, Rosevil Eduardo. **Individualização e autonomia no casamento contemporâneo**: uma revisão de literatura. 2012. 76 f. Dissertação (Mestrado em Família na Sociedade Contemporânea) – Universidade Católica do Salvador, Salvador, 2012. Acesso em: 23 mar. 2022.

AMORIM, Patrícia Brandão; SILVA, Daniel Rodrigues. A família contemporânea neopentecostal e o lugar do amor e da religiosidade na relação conjugal. **Pensar Acadêmico**, v. 17, n. 2, p. 234-256, 2019.

ARAÚJO, Clara; SCALON, Celi. Percepções e atitudes de mulheres e homens sobre a conciliação entre família e trabalho pago no Brasil. *In*: ARAÚJO, Clara; SCALON, Celi (org.). **Gênero, família e trabalho no Brasil**. Rio de Janeiro: FGV/FAPERJ, 2005. p. 15-78.

BARBOZA, Silvana Negro. As diversas formas de conjugalidade na eterna busca da felicidade. **Polêmica**, v. 10, n. 2, p. 299-306, abr./jun. 2011.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Ed. rev. e ampliada. São Paulo: Edições 70 Brasil, 2016.

BAUMAN, Zygmunt. **A sociedade líquida**. Folha de S. Paulo, São Paulo, v. 19, p. 4-9, 2003.

BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

BEREZA, Elizaneti; MARTINS, Jaqueline; MORESCO, Lyliane; ZANONI, Sônia. A influência da comunicação no relacionamento conjugal. **Arquivos de Ciências da Saúde da UNIPAR**, v. 9, n. 1, p. 31-36, 2005.

BEZERRA, Paulo Victor; JUSTO, José Sterza. Relacionamentos amorosos na pós-modernidade: análise das consultas apresentadas em sites de relacionamento amoroso. **Pesquisas e Práticas Psicossociais**, v. 4, n. 2, p. 193-204, 2010.

BRUSCAGIN, Claudia. O casamento na visão cristã: Deus como membro do sistema. *In*: BRUSCAGIN, Claudia; SAVIO, Adriana; FONTES, Fátima; GOMES, Denise Mendes. **Religiosidade e psicoterapia**. São Paulo: Roca, 2008. p. 53-66.

BRUSCAGIN, Claudia. Família e religião. *In*: CERVENY, Ceneide de Oliveira (org.). **Família e...: comunicação, divórcio, mudança, resiliência, deficiência, lei, bioética, doença, religião e drogadição**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004a. p. 163-186.

BRUSCAGIN, Claudia. **Sob a proteção de Deus: famílias cristãs na fase adolescente**. 2004. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), São Paulo, 2004b.

CAMPOS, Suzana Oliveira; SCORSOLINI-COMIN, Fabio; SANTOS, Manoel Antônio dos. Transformações da conjugalidade em casamentos de longa duração. **Psicologia Clínica**, Rio de Janeiro, v. 29, n. 1, p. 69-89, 2017. Acesso em: 23 mar. 2022.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

CERVENY, Ceneide Maria de Oliveira; BERTHOUD, Cristiana Mercadante Esper. **Família e ciclo vital: nossa realidade em pesquisa**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010.

CISCON-EVANGELISTA, Mariane Ranzani; MENANDRO, Paulo Rogério Meira. “Casados para sempre”: casamento e família na concepção de casais evangélicos neopentecostais. **Psicologia Argumento**, Curitiba, v. 29, n. 66, p. 343-352, 2011.

COSTA, Livia Fialho. Notas sobre formas contemporâneas de vida familiar e seus impactos na educação dos filhos. *In*: NASCIMENTO, A. D.; HETKOWSKI, T. M. (org.). **Educação e contemporaneidade: pesquisas científicas e tecnológicas**. Salvador: EDUFBA, 2009. p. 356-371.

COSTA, Livia Fialho; SILVA, Ester Nunes Praça da. Compreendendo a conjugalidade no mundo contemporâneo. *In*: BASTOS, Ana Cecília de Souza *et al* (org.). **Família no Brasil: recurso para a pessoa e sociedade**. Curitiba: Juruá, 2015. p. 359-373.

COSTA, Maria Manuela da. O casamento. **Revista Sol Nascente**, n. 1, p. 120-131, jun. 2012.

COUTO, Márcia Thereza. Religiosidade, reprodução e saúde em famílias urbanas pobres. **Interface-Comunicação, Saúde, Educação**, v. 5, n. 8, p. 27-44, 2001.

DANTAS, Meryeli Santos de Araújo; COLLET, Neusa; MOURA, Flávia Moura de; TORQUATO, Isolda Maria Barros. Impacto do diagnóstico de paralisia cerebral para a família. **Texto & Contexto - Enfermagem**, v. 19, n. 2, p. 229-237, jun. 2010.

DINIZ NETO, Orestes; FÉRES-CARNEIRO, Terezinha. Psicoterapia de casal na pós-modernidade: rupturas e possibilidades. **Estudos de Psicologia**, Campinas, SP, v. 22, p. 133-141, 2005.

FÉRES-CARNEIRO, Terezinha. Casamento contemporâneo: o difícil convívio da individualidade com a conjugalidade. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 11, n. 2, p. 379-394, 1998.

FÉRES-CARNEIRO, Terezinha. **Conjugalidades contemporâneas: um estudo sobre os múltiplos arranjos conjugais da atualidade**. 2010. Acesso em: 13 mar. 2021.

FÉRES-CARNEIRO, Terezinha; DINIZ NETO, Orestes. Construção e dissolução da conjugalidade: padrões relacionais. **Paidéia**, Ribeirão Preto, SP, v. 20, n. 46, p. 269-278, 2010.

FERREIRA, Pedro Moura. Tendências e modalidades da conjugalidade. **Sociologia, Problemas e Práticas**, n. 43, p. 67-82, 2012.

FLICK, Uwe. **Qualidade na pesquisa qualitativa**: coleção pesquisa qualitativa. São Paulo: Bookman, 2009.

FORNASIER, Rafael Cerqueira. Amor e vínculo conjugal. *In*: MOREIRA, Lúcia Vaz de Campos (org.). **Relações familiares**. Curitiba: CRV, 2016. p. 84-109.

FRANCO, Maria Laura Puglisi Barbosa. **Análise de conteúdo**. 5. ed. São Paulo: Autores Associados, 2018. (Série Pesquisa, n. 6).

FREITAS, Denis de; HOLANDA, Adriano Furtado. Conversão religiosa: buscando significados na religião. **Gerai: Revista Interinstitucional de Psicologia**, v. 7, n. 1, p. 93-105, 2014.

GARCIA, Agnaldo; MACIEL, Mariana Grassi. A influência da religião na busca do futuro cônjuge: um estudo preliminar em comunidades evangélicas. **Psicologia: Teoria e Prática**, v. 10, n. 1, p. 95-112, 2008.

GIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade**: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas. São Paulo: UNESP, 1993.

GOLDENBERG, Mirian. Dois é par: uma referência fundamental nos estudos de gênero e conjugalidade nas camadas médias urbanas brasileiras. **Physis**, v. 15, n. 2, p. 359-363, 2005.

GOMES, Antônio Máspoli de Araújo. Um estudo sobre conversão religiosa no protestantismo histórico e na psicologia social da religião. **Ciências da Religião – História e Sociedade**, v. 9, n. 2, p. 148-174, 2011.

GUIZZO, Bianca Salazar; MARCELLO, Fabiana de Amorim; MÜLLER, Fernanda. A reinvenção do cotidiano em tempos de pandemia. **Educação e Pesquisa [online]**, São Paulo, v. 46, 2020.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Cidades: Feira de Santana-BA. **Panorama 2017**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/feira-de-santana/panorama>. Acesso em: 27 maio 2020.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Censo Demográfico. Famílias e Domicílios. **Resultados da amostra**. 2010b.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Microdados dos censos demográficos**. 2010c.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Censo Demográfico de 2010. Amostra. Religião. Evangélicos. Bahia. **Feira de Santana**. 2010d. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/busca.html?searchword=evangelicos+em+Feira+de+Santana+bahia>. Acesso em: 20 jul. 2021.

JABLONSKI, Bernardo. A divisão de tarefas domésticas entre homens e mulheres no cotidiano do casamento. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 30, p. 262-275, 2010.

JACQUET, Chrstine; COSTA, Livia Fialho. Família e opção religiosa: notas etnográficas sobre a conversão de mulheres ao neopentecostalismo. *In*: JACQUET, Chrstine; COSTA, Livia Fialho (org.). **Família em mudança**. São Paulo: Companhia Ilimitada, 2004. p. 65-67.

KERBAUY, Renata; BARTILOTTI, Márcia Barone; SNEIDERMAN, Susana. Reflexões sobre o impacto da pandemia de Covid-19 nas relações conjugais e familiares: contribuições da psicoterapia psicanalítica. **Passages de Paris**, n. 19, p. 86-94, 2020.

LAFUENTE, Jaqueline Guerra. **Os desafios da vida conjugal na era do individualismo**. 2020. 36 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) – Faculdade de Educação e Meio Ambiente (FAEMA), Ariquemes, RR, 2020. Disponível em: https://repositorio.faema.edu.br/bitstream/123456789/2752/1/TCC%20%20Jaqueline%20Guerra%20Lafuente_assinado_assinado_assinado_assinado1606765396.pdf. Acesso em: 23 mar. 2022.

MACIEL, Francisco Nascélio. **Conjugalidade**: individuação e pertencimento em casais de movimento católico. 2008. 115 f. Dissertação (Mestrado em Família na Sociedade Contemporânea) – Universidade Católica do Salvador (UCSal), Salvador, 2008.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa social**: teoria, metodologia e criatividade. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

MOREIRA-ALMEIDA, Alexander; PINSKY, Ilana; ZALESKI, Marcos; LARANJEIRA, Ronaldo. Envolvimento religioso e fatores sociodemográficos: resultados de um levantamento nacional no Brasil. **Archives of Clinical Psychiatry**, São Paulo, v. 37, n. 1, p. 12-15, jan. 2010.

PEREIRA, Lilian Galarça. **Comunicação conjugal no contexto da depressão**: uma avaliação baseada em quatro casos. Porto Alegre: Instituto de Psicologia, 2013.

PRADO, Danda. **O que é família**. São Paulo: Brasiliense, 2017.

RAMPAGE, C. Gendered constraints to intimacy in heterosexual couples. *In*: SALES, Cláudio. **O matrimônio sob a égide do Código Civil de 2002**. 2002. Disponível em: <https://docplayer.com.br/6814556-O-matrimonio-sob-a-egide-do-codigo-civil-de-2002.html>. Acesso em: 23 mar. 2022.

SILVA, Ester Nunes Praça. **Mulheres-esposas**: dinâmicas conjugais e individualidades a partir da experiência de mulheres casadas com militar. 2012. Dissertação (Mestrado em Família na Sociedade Contemporânea) – Universidade Católica do Salvador (UCSal), Salvador, 2012.

SILVA, Flávia Gonçalves da. Subjetividade, individualidade, personalidade e identidade: concepções a partir da psicologia histórico-cultural. **Psicologia da Educação**, São Paulo, n. 28, p. 169-195, 2009.

SILVA, Isabela Machado da; SCHMIDT, Beatriz; LORDELLO, Silvia Renata; NOAL, Débora da Silva; CREPALDI, Maria Aparecida; WAGNER, Adriana. As relações familiares diante da COVID-19: recursos, riscos e implicações para a prática da terapia de casal e família. **Pensando Famílias**, Porto Alegre, v. 24, n. 1, p. 12-28, jan./jun. 2020.

SILVA, Lúcio Andrade; SCORSOLINI-COMIN, Fabio; SANTOS, Manoel Antônio dos. Casamentos de longa duração: recursos pessoais como estratégias de manutenção do laço conjugal. **Psico-USF**, v. 22, p. 323-335, 2017.

SILVA, Onésimo Ferreira da. Igreja Evangélica Avivamento Bíblico. **Constituição da IEAB 2016-2020**. São Paulo: Publicações Avivamento, 2020.

SINGLY, François de. O nascimento do indivíduo individualizado e seus efeitos na vida conjugal e familiar. In: PEIXOTO, Clarice Ehlers; SINGLY, François de; CICCHELLI, Vincenzo. **Família e individualização**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000. p.13-19.

SOUZA, Robson da Costa de. A família evangélica em face dos processos emancipatórios modernos. **Fazendo Gênero** [online], n. 9, 2010. Disponível em: http://www.fg2010.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1291781079_ARQUIVO_Robson_Souza.pdf. Acesso em: 22 mar. 2022.

VALSINER, Jaan. **Fundamentos de uma psicologia cultural**: mundos da mente, mundo da vida. Trad. e revisão técnica: Ana Cecília de Souza Bastos. Porto Alegre: Artmed, 2012.
VARGENS, Renato Garcia. **Começar de novo**. Niterói, RJ: Scrittura, 2008.

VIEIRA, Érico Douglas; STENGEL, Márcia. Os nós do individualismo e da conjugalidade na Pós-Modernidade. **Aletheia**, Canoas, RS, n. 32, p. 147-160, 2010.

VIEIRA, Humberto Schimitt. **Casamento, divórcio e novo matrimônio**: o que a Bíblia fala sobre o assunto. Porto Alegre: Cantares, 2007.

VIEIRA, Timóteo Madaleno. **Conjugalidade e divórcio no mundo evangélico**: destradicionalizações e formações de um modelo hedocultural. 2014. 219 f. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica e Cultural) – Universidade de Brasília (UnB), Brasília, DF, 2014. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/handle/10482/18345>. Acesso em: 15 mar. 2019.

WAGNER, Adriana. **Desafios psicossociais da família contemporânea**: pesquisas e reflexões. São Paulo: Artmed, 2009.

WALSH, Froma. **Fortalecendo a resiliência familiar**. São Paulo: Roca, 2005.

ZORDAN, Eliana Piccoli; FALCKE, Denise; WAGNER, Adriana. Casar ou não casar? Motivos e expectativas com relação ao casamento. **Psicologia em Revista**, v. 15, n. 2, p. 56-76, 2009.